



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
ESCOLA DE BELAS ARTES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

**MIL BEIJINHOS: CRÔNICAS DE UM GAY CARENTE**

Quando a pintura se casa com o vídeo

Danilo Howat Rodrigues de Souza

DRE 117038285

Rio de Janeiro

2022

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Letras e Artes

Escola de Belas Artes

Curso de Graduação em Pintura

**MIL BEIJINHOS: CRÔNICAS DE UM GAY CARENTE**

Quando a pintura se casa com o vídeo

Danilo Howat Rodrigues de Souza

DRE 117038285

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Setor Pintura, Dep. De Artes Base da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Graduação em Pintura, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Pintura.

Orientador: Professor Dr. Pedro Meyer

Rio de Janeiro

2022

## CIP - Catalogação na Publicação

S729m Souza, Danilo Howat Rodrigues de  
Mil beijinhos crônicas de um gay carente: quando  
a pintura se casa com o vídeo / Danilo Howat  
Rodrigues de Souza. -- Rio de Janeiro, 2022.  
60 f.

Orientador: Pedro Meyer Barreto.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de  
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2022.

1. Gay. 2. Pintura. 3. Vídeo. 4. Audiovisual. 5.  
Videopintura. I. Barreto, Pedro Meyer, orient. II.  
Título.

Por Danilo Howat Rodrigues de Souza

## **Mil Beijinhos: Crônicas de um Gay Carente**

Quando a pintura se casa com o vídeo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Setor Pintura, Dep. De Artes Base da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Graduação em Pintura, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Pintura.

Aprovado em:

---

Professor Dr. Pedro Meyer

---

Professora Ma. Mirela Luz

---

Professor Dr. Cezar  
Bartholomeu

## AGRADECIMENTOS

À todes os meus familiares, em especial à minha mãe Thaís e meu pai Luís, por serem minhas maiores inspirações no mundo, e meus maiores fãs. E também ao meu irmão Dedé, minhas irmãs Mimi e Manu, minha cunhada Cat, meu avô Tano e minhas avós Vânia e Sônia, obrigado por todo apoio e amor.

Agradeço à minha madrinha Ana, por ter sido o motivo do meu amor por arte.

À minha terapeuta Lúcia Perez, por todas as horas me ouvindo e me ajudando a entender sobre mim mesmo.

Ao meu orientador Prof. Doutor Pedro Meyer, por toda a ajuda disponível.

À todes meus colegas da Escola de Belas Artes, em especial aos meus amigos Alice, Dideco, Maria, Victor e Vinícius, por toda a sabedoria compartilhada e por todas as aulas que matamos para beber cerveja.

Aos meus amigos Alex, Dargains, Felipe, Gabi, Giovanna, Maju, Matheus, Morena e Peixoto, que viram meus primeiros desenhos feios nascerem.

Aos meus amigos Alice, Ana Bia, Isadora, Lays, Louise, Luan, Milleni, Natália e PH, por estarem sempre ao meu lado e fazer minha jornada mais leve e divertida. Cada momento de risada e tristeza foi crucial para eu me tornar a pessoa que sou hoje. Amo vocês.

E à todos os garotos que já beijei ou quis beijar, vocês são parte crucial desse trabalho.

Obrigado à todes.

## RESUMO

Esta monografia propõe investigar a série de trabalhos intitulada “Mil Beijinhos: Crônicas de um Gay Carente”. A série em questão foi desenvolvida em 2020 e 2021, em plena quarentena, durante a pandemia de Covid-19, momento de isolamento e medo. Se tratam de seis pinturas onde vídeos são projetados em cima, criando o que chamo aqui de vídeopinturas.

A investigação aborda e destrincha todos os pontos necessários para a criação da série. Sem cada um dos tópicos trabalhados, não seria possível a criação das vídeopinturas. Em todos deles, os conceitos e problemáticas que engatilharam a produção da série são explorados.

**Palavras-chave:** Gay; pintura; audiovisual; vídeo; vídeopintura; carência.

## **ABSTRACT**

This dissertation proposes to investigate the series of works intitled “Thousand Kisses: Chronicles of a Needy Gay”. This series was made between 2020 and 2021, in quarantine, during the Covid-19 pandemic, a moment of isolation and fear. There are six paintings where videos are projected onto them, creating what I call here “videopaintings”.

The investigation points out every subject needed for the creation of the series. Without each topic, the making of the videopaintings wouldn’t have been possible. In each one of them, the concepts and problematics that triggered the production of the series are explored.

**Keywords:** Gay; painting; audiovisual media; video; videopainting; neediness.

## SUMÁRIO

1. Começando os trabalhos.....
2. Ser gay é bem mais complexo do que parece.....
3. Pisa menos, mana.....
4. Don't be a DRAG, just be a QUEEN.....
5. Um mundo delicioso de escapismo e bom-humor.....
6. A língua dos robôs.....
7. O vídeo e a pintura sentados na árvore se B-E-I-J-A-N-D-O.....
8. FINISH HIM.....
9. Obras.....
10. Bibliografia.....



## Começando os trabalhos

Nesse trabalho, vou comentar sobre as ideias e influências ao desenvolver a minha atual série de trabalhos intitulada “Mil Beijinhos: Crônicas de Um Gay Carente”. Se trata de uma série de vídeos projetados em cima de pinturas, criando interações dinâmicas com as figuras estáticas.

Comecei a produzir essa série em 2020, início de pandemia, em plena quarentena. Até então, vinha produzindo pinturas abordando referências pessoais de cultura pop e outros artistas, mas comecei a me decepcionar com os trabalhos. Estava em um período emocional extremamente conturbado, totalmente novo, assim como todo mundo - o que fez aquelas pinturas começarem a ficar um tanto obsoletas para mim -. Decidi incorporar o vídeo no meu trabalho, então, como forma de contornar as limitações que a pintura vinha me trazendo.

Um ponto importante da minha jornada de artista foi admitir para mim mesmo que as minhas referências são quase sempre vergonhosas. Assumir meus gostos pessoais, ser mais honesto comigo mesmo sobre as coisas que tenho vergonha, foi um passo importantíssimo para a minha produção artística. A partir disso, fui abraçando mais e mais o audiovisual enquanto parte da minha formação pessoal. Os filmes e séries são uma parte maior da minha vida do que eu me dava conta.

Durante o período de isolamento, principalmente, comecei a consumir histórias de romances gays de um jeito compulsivo, como uma forma de escapismo da minha péssima realidade naquele momento. Das produções mais conhecidas para as mais obscuras, ver aqueles homens vivendo romances dos mais diversos foi uma felicidade momentânea da mesma forma que foi um autoflagelo. Eu estava sem contato humano, totalmente fragilizado mentalmente e espiritualmente, e estava querendo viver o que aqueles personagens viviam. Criei uma relação de proximidade e inveja com os atores.

Na nossa realidade *cyberpunk* de hoje, as histórias contadas nessas mídias se estendem para o mundo virtual, onde eu posso continuar seguindo a vida dos atores e os frutos que seus papéis nesses romances os trouxeram. Abraçar esse sentimento doentio de inveja e desejo foi meu ponto de partida para a produção de “Mil Beijinhos: Crônicas de Um Gay Carente”.

Por fim, neste trabalho, pretendo trazer todos os pontos e referências necessários para a criação desta série, tendo em vista que todo o meu percurso

artístico na graduação foi importante para o nascimento destas vídeopinturas. Foram diversos artistas e momentos pessoais que me atravessaram durante a graduação, e cada um deles contribuiu de alguma forma.

## Ser gay é bem mais complexo do que parece

*“Quero entender. Conte tudo.*

*Quero saber sobre os estranhos como eu.” – Ed Motta*

Urge a necessidade de comentar sobre minha sexualidade no meu trabalho. Desde cedo na graduação, já sabia que esse tema seria recorrente. Como um gayzinho, sempre fiquei no território de achar que esse assunto é um dos meus pontos fortes; que eu deveria usá-lo como um trunfo. E de fato é algo que acho especial. Foi fazendo terapia que percebi as nuances secretas e confusas da sexualidade – especificamente, a minha -. Sobretudo, da compreensão de homossexualidade e masculinidade, que Judith Butler aborda em “Problemas de Gênero”:

“Se a negação heterossexual da homossexualidade resulta em melancolia, e se a melancolia age através da incorporação, então o amor homossexual renegado é preservado pelo cultivo de uma identidade de gênero definida por oposição. Em outras palavras, a homossexualidade masculina renegada culmina numa masculinidade acentuada ou consolidada, que mantém o feminino como impensável e inominável.” (BUTLER, 1990, n.p)

A jornada pessoal de compreensão da minha própria sexualidade é um gatilho forte para a minha produção artística. Na série de trabalhos aqui desenvolvidos, esse debate é constante. Os pontos abordados variam entre uma carência de afeto não-sexual e um desejo sexual exacerbado e fetichista. São duas faces da mesma moeda: a vontade de representar conexões mentais e emocionais sendo construídas com as pessoas pintadas, e mostrar o prazer carnal em cima desses homem-de-tinta.

O amor entre dois homens é algo lindo para mim. A parte do amor romântico, um amor vindo da Disney, onde tudo dá certo entre os dois. Trazer isso para o meu trabalho é algo irônico: eu sei que isso é apenas uma fábula, uma forma irreal de representar o amor. Minha vontade com isso é contornar o mundo heterossexual que vende essa história ultraromântica para todes. Minha vontade é a de incorporar e corromper essa fábula, mostrando o amor homossexual ultraromântico como uma forma de apropriação; e, no caminho, viver minha própria fantasia ultraromântica.

Para alcançar esse exagero romantizado, trouxe alguns elementos específicos para

a série. A bossa nova brasileira, ao meu ver, traz em si essa fantasia ultraromântica. Copacabana, vida fácil, como em uma novela de Manoel Carlos. Referenciei, então, uma das minhas letras favoritas da bossa nova no título da série: “Pois há menos peixinhos a nadar no mar, do que os beijinhos que eu darei na sua boca”(JOBIM, 1958)<sup>1</sup>. Mil beijinhos a dar, como um bom homem apaixonado. Secundariamente, houve a necessidade de mostrar, ainda no título, uma narrativa cinematográfica; uma narrativa com personagens e cenários. Para isso, incorporei as “Mil e Uma Noites”, tradicional compilado de contos orientais que influenciaram a criação do filme Aladdin<sup>2</sup> - tradicional história ultraromântica, com um protagonista bonito e viril -. Aladdin era um dos meus filmes favoritos quando criança, e por consequência, uma das primeiras memórias que tenho de ficar confuso sexualmente assistindo um desenho; e sentir atração sexual pelo personagem principal, ponto que abordo nas videopinturas. Por fim, o uso da palavra “crônicas” também é pelo intuito narrativo da série. Assim como em “Crônicas de Nárnia”<sup>3</sup> e “Crônicas de Spiderwick”<sup>4</sup>, busquei trazer esse mistério fantasioso que retrato nos trabalhos. Um mundo de histórias a ser explorado.

O romance não é um tema pouco explorado na arte. Me lembro de ficar extremamente impactado quando conheci o trabalho de Leonilson pela primeira vez, cursando História da Arte 4 (BAH205) com o Prof. Milton Machado. Em seu trabalho, pude perceber a beleza e a confusão que o artista falava sobre sua vida amorosa; um gayzinho confuso, igual a mim. Ele é, provavelmente, a minha maior referência artística quando se trata de amor.

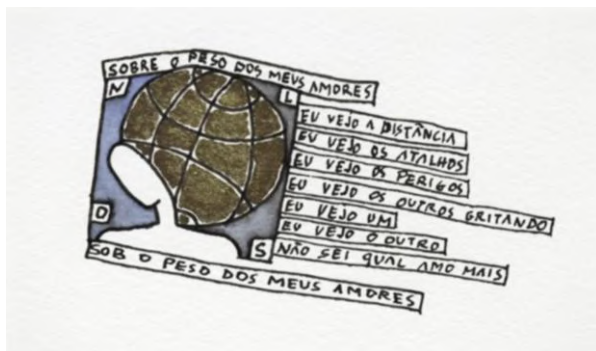
---

<sup>1</sup> JOBIM, Tom. **Chega de Saudade**. Rio de Janeiro: Odeon Records, 1958. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=5LfaYKdqfnY> >. Acesso em 14 fev. 2022.

<sup>2</sup> ALADDIN. Direção de John Musker e Ron Clements. EUA: Buena Vista Pictures, 1992. Disney+.

<sup>3</sup> AS CRÔNICAS de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa. Direção de Andrew Adamson. EUA: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2005. Disney+.

<sup>4</sup> AS CRÔNICAS de Spiderwick. Direção de Mark Waters. EUA: Paramount Pictures Studios, 2008. Prime Video.



5

Seus trabalhos mais populares, porém, são feitos de uma forma que me contraponho. Com trabalhos em pequeno porte, sinto que ele envolve o público em uma atmosfera de intimidade. Em “Mil Beijinhos”, quero trazer a grandeza de uma tela de cinema, e fazer com que o público tenha uma experiência coletiva, no mesmo tom em que pinto diversos homens diferentes em anonimato para trazer uma noção quantitativa; sob o peso de todos os meus possíveis amores.

Em conclusão à parte ultraromântica, abordo o trabalho “Me Encontra na Lateral”, onde busquei retratar apenas abraços, confortos, conversas. Isso diz principalmente sobre o momento que decidi pintar as figuras: era um momento de apetite sexual baixo e carência por atenção alta.

---

<sup>5</sup> LEONILSON. **Sob o Peso dos Meus Amores**. 1990. Tinta preta e aquarela sobre papel, 29x21 cm.



6

---

<sup>6</sup> RAUATE. **Me Encontra na Lateral**. 2021. Vídeo s/ óleo, acrílica, pastel oleoso e spray s/ lona, 203 x 155cm. 1 vídeo (45 seg). Publicado pelo canal Rauate. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eW7m7ewB-yQ> . Acesso em 30 mar. 2022.

## Pisa menos, mana

*“Quando não posso contemplar teu rosto,*

*contemplo os teus pés.*

*Teus pés de osso arqueado,*

*teus pequenos pés duros.*

*Eu sei que te sustentam*

*e que teu doce peso*

*sobre eles se ergue.*

*Tua cintura e teus seios,*

*a duplicada purpura*

*dos teus mamilos,*

*a caixa dos teus olhos*

*que há pouco levantaram voo,*

*a larga boca de fruta,*

*tua rubra cabeleira,*

*pequena torre minha.*

*Mas se amo os teus pés*

*é só porque andaram*

*sobre a terra e sobre*

*o vento e sobre a água,*

*até me encontrarem.” – Pablo Neruda*

O segundo ponto principal para a criação desses trabalhos foi a necessidade de explorar o fetichismo. Eu, pessoalmente, assumi meu fetiche em pés para que tivesse total liberdade ao fazer as obras.

Essa parte do trabalho veio em um segundo momento. As telas dos pés foram as últimas a serem feitas, tendo em vista que a ideia inicial era apenas o romance. Mas, como fui perceber, é impossível falar de amor sem falar em sexo.

“Amor é um livro. Sexo é esporte. Sexo é escolha. Amor é sorte. Amor é pensamento, teorema. Amor é novela. Sexo é cinema. Sexo é imaginação, fantasia. Amor é prosa. Sexo é poesia. O amor nos

torna patéticos. Sexo é uma selva de epiléticos” (LEE, 2003)<sup>7</sup>

Como explorarei mais nos capítulos a seguir, a ideia de falar de fetiche trás à tona a minha compulsão pela exploração do “eu”. Não há nada mais pessoal que seus gostos sombrios realizados entre quatro paredes. Falar de pés é assumir que eu sinto atração sexual em uma das partes mais grotescas do corpo humano; a que pisa no chão, a que exala mal-cheiro, a que se suja. E isso é o que acho incrível sobre o fetichismo: pôr em prática o que somos socializados a achar errado. “Em torno das mínimas fantasias, os moralistas (...) trouxeram à baila todo o vocabulário enfático da abominação” (FOUCAULT, 1976, p. 36).

Para assumir esse fetiche, me senti próximo ao trabalho de Alair Gomes. Para minha felicidade, Gomes também é um gayzinho. Seu trabalho assume um papel homoerótico interessantíssimo para seu momento histórico. Suas fotografias mais conhecidas, dos corpos apolíneos nas praias do Rio, me fazem pensar em um homem de guarda baixa assumindo seus gostos e desejos mais honestos. Mas, por outro lado, observando esses corpos quase como um *stalker*<sup>8</sup>, distante e escondido. Fotografa como um admirador oculto, como alguém que sabe que está fazendo algo de errado. É aí que me impressiona seu trabalho no quesito fetichista: Gomes se entrega à esses homens de uma forma misteriosa, o que Foucault analisa como o prazer do proibido na homossexualidade em uma sociedade cristã:

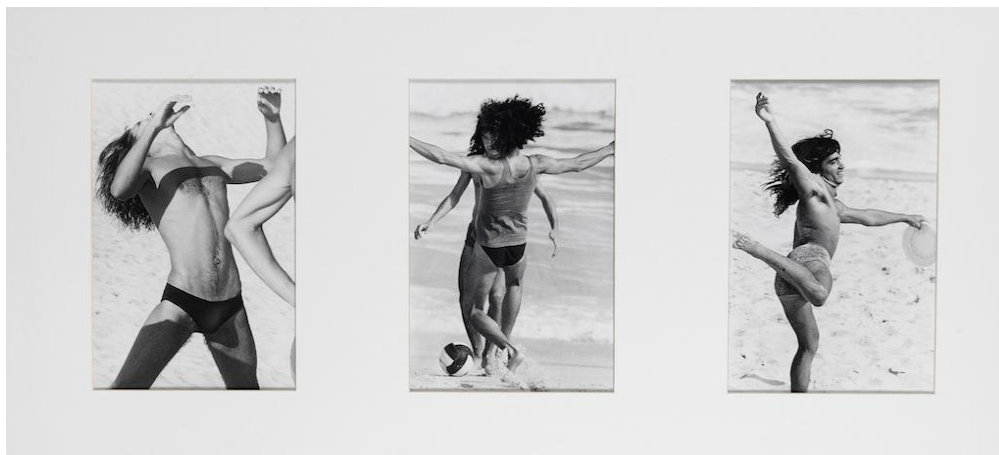
“Mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganar-lhe, travestí-lo.” (FOUCAULT, 1976, p.44).

---

<sup>7</sup> LEE, Rita. **Amor e Sexo**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ho-iGFctXe8> . Acesso em 14 fev. 2022.

<sup>8</sup> Termo em inglês que significa alguém que persegue outras pessoas. Usado muito comumente nas redes sociais para falar de alguém que é obcecado por outra pessoa e a observa de longe.





Quis dar uma reviravolta nesse universo fetichista: ao invés de esconder e admirar à distância, dar a cara a tapa e me pôr em um lugar de degenerado, por mais que eu saiba que meus desejos são completamente válidos. Então, assim como o artista mencionado acima, segui meus desejos mais honestos e produzi o trabalho “Lambe-pés”, desenvolvido na disciplina de Vídeoarte 1 (BAE005), do curso de Artes Visuais, com a Profa. Beatriz Pimenta:



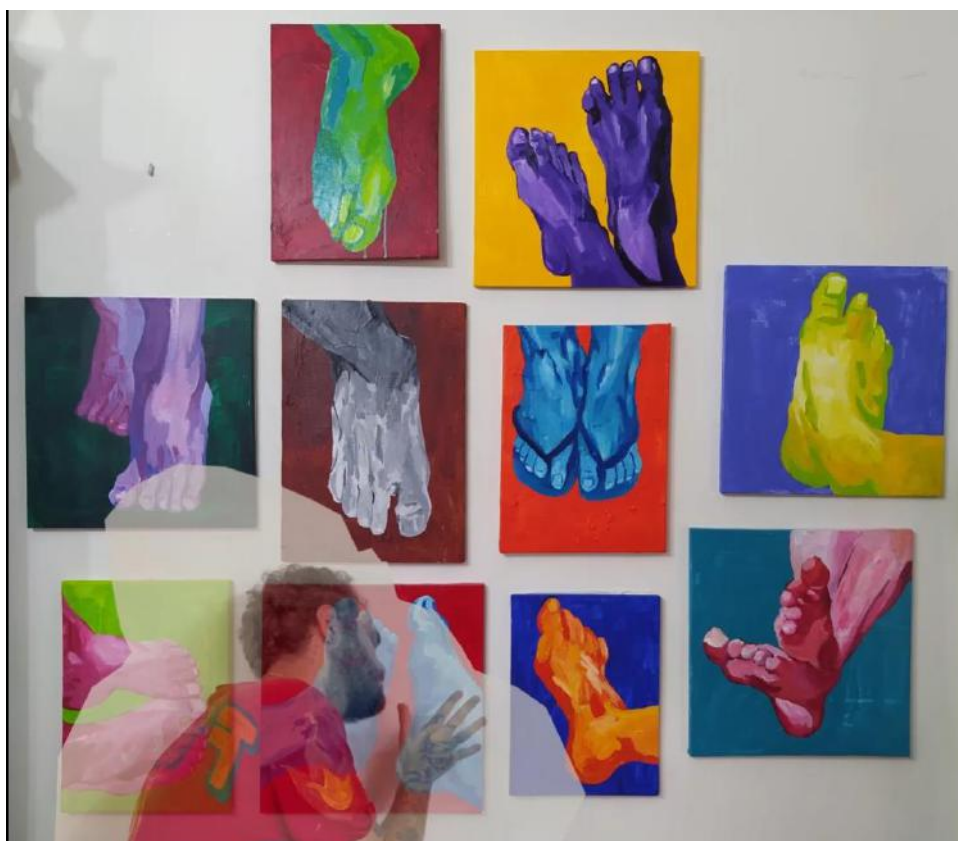
Nesse trabalho, além de uma experimentação com vídeo inicial, tive minha primeira abordagem direta com o fetiche. Acho que foi um marco na minha produção, sendo o

<sup>9</sup> GOMES, Alair. **Beach Triptych N° 13**. 1970-1980. Gelatina e prata, 40 x 100 cm. Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio.

<sup>10</sup>RAUATE. Lambe-pés. 2019. 1 vídeo (43 seg). Publicado pelo canal Rauate. Disponível em <https://youtu.be/0empJ6GDcRk> . Acesso em 21 fev. 2022.

momento que utilizei dos pés humanos como um assunto extremamente pessoal. O ato de lambar e interagir carnalmente com algo, que é uma parte importante do meu debate, começou com esse trabalho.

Em um segundo momento produzi “Eu e o Quentin Tarantino Temos Muito em Comum”, parte da série “Mil Beijinhos”. Essa obra, diferente das outras obras da série, é uma composição de diversas telas pequenas. Quis trabalhar quantidade, não tamanho, para trazer uma energia única para cada pé pintado. Cada um, inclusive, foi feito a partir de uma referência fotográfica enviada por algum seguidor do meu *instagram*, após anunciar um pedido de pés a serem retratados. O próprio pedido já é parte do trabalho, onde faço alusão a uma tática comum na *internet* de comercialização dos conhecidos “*pack do pézinho*”. Trata-se de quando alguém compra ou vende uma sequência de fotos de pés, a fim de lucrar em cima do fetiche em questão. E, como de costume na *internet*, se tornou uma piada. Então, brinco com esse fator irônico, assim como assumo meu próprio fetiche.



11

<sup>11</sup> RAUATE. **Eu e o Quentin Tarantino Temos Muito em Comum**. 2021. Vídeo s/ acrílica s/ telas variadas. 145 x 150 cm. 1 vídeo (154 seg). Publicado pelo canal Rauate. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_AXv6k2blMQ&t=2s](https://www.youtube.com/watch?v=_AXv6k2blMQ&t=2s) . Acesso em 15 fev. 2022.

Com esse trabalho, abro alguns debates interessantes para mim. Meu desejo de incorporar cultura pop e cinema aparece no título, onde menciono o diretor Quentin Tarantino, famoso por seus frames em pés.



12

No vídeo, visto um *cropped* pintado por mim, estampando o personagem *Charmander* de *Pokémon*, série de *anime* famosa nos anos 1990/2000<sup>13</sup>. Ele é conhecido por sua cauda onde há uma chama que nunca deixa de queimar; em outras palavras, um “fogo no rabo”<sup>14</sup> que não acaba. Todos esses elementos ajudam a trazer uma ironia maior para o trabalho.

A segunda obra da série que abordo o fetiche em pés é a obra “João 13:1-17”. A fiz pensando no ângulo, querendo explorar mais as possibilidades de vídeo. Para essa obra, trabalhei o anonimato masculino extremo: a ascensão dos personagens, como grandes seres aos quais não se vê o rosto. Mais além, meu desejo também foi usar do enquadramento para trazer o debate do sagrado à tela. Quando a religião é pauta ela traz todas as suas polêmicas. O título “João 13:1-17” referencia o momento da Bíblia ao qual Jesus Cristo lava os pés de seus apóstolos; conhecido como o Lava-

<sup>12</sup>KILL Bill: Volume 1. Direção de Quentin Tarantino. EUA: Miramax, 2003. HBO Max.

<sup>13</sup> POKÉMON. Produção de Takayuki Yanagisawa. Japão, 1997. son., color. Série exibida pela TV Pokémon. Acesso 05 abr. 2022.

<sup>14</sup> Expressão popular que significa excitação.

Pés, realizado na Última Ceia<sup>15</sup>. No vídeo, me curvo e saludo os pés, aos quais me trouxeram um prazer divino.



16

---

<sup>15</sup> Jo 13, 1-17

<sup>16</sup> RAUATE. **João 13:1-17**. 2021. Vídeo s/ acrílica e óleo s/ tela. 140x70. 1 vídeo (130 seg). Publicado pelo canal Rauate. Disponível em <https://youtu.be/uGOPteQL2nI> . Acesso em 16 fev. 2022.

## Don't be a DRAG, just be a QUEEN

“Se você não pode amar a si mesma, como diabos vai amar outra pessoa?” – RuPaul

Para desenvolver a série, eu fui fortemente influenciado pela cultura *drag queen*. Em geral, uma *drag queen* seria um *performer* que, em meado dos anos 90, seria dita como um homem personificando uma mulher - conceito, hoje, bastante mudado - . Com roupas ditas “femininas”, perucas e maquiagem, a *drag queen* clássica seria um artista que usa da feminilidade como seu medium principal, brincando com os estereótipos de gênero; às vezes, de forma exagerada, gerando um ser “ultrafeminino”. Essa forma tradicional de fazer *drag* já é muito diluída. A autora Judith Butler abre seu livro “Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade” comentando sobre Divine, famosa *drag queen* estadunidense estrela de diversos filmes do diretor John Waters. Ela observa a cultura *drag* e como funciona a subversão de gênero presente nela, dizendo:

“(…)Divine, que é herói/heroína de *Hairspray* — *Éramos todos jovens*<sup>17</sup>, cuja personificação de mulheres sugere implicitamente que o gênero é uma espécie de imitação persistente, que passa como real. A performance dela/dele desestabiliza as próprias distinções entre natural e artificial, profundidade e superfície, interno e externo — por meio das quais operam quase sempre os discursos sobre gênero. Seria a *drag* uma imitação de gênero, ou dramatizaria os gestos significantes mediante os quais o gênero se estabelece?”  
(BUTLER, 1990, n.p)

Temos no Brasil, por exemplo, a ascensão de grupos como as Themonias, que são *drags* performers que levantam questões de gênero sem serem, necessariamente, ultrafemininas. Em uma entrevista para a Revista Zum, Rafael Bqueer - uma *drag* integrante do grupo - comenta:

“Em meados de 2009, quando o programa *RuPaul's Drag Race* foi lançado, a cultura *drag* passou a ser divulgada mundialmente de uma forma repaginada, muito diferente do que era tido como *drag queen* nos anos 1990. A série trouxe a possibilidade de discutir questões de

---

<sup>17</sup> HAIRSPRAY – E Éramos Todos Jovens. Direção de John Waters. EUA: New Line Cinema, 1988. 1 DVD (93 min.)

gênero e sexualidade de uma forma mais ampla. Eu acredito que isso se espalhou por todas as regiões do Brasil. Por volta de 2013 e 2014, em Belém do Pará, por exemplo, algumas festas e eventos começaram a fomentar e incentivar o público a se montar<sup>18</sup>.

Sabemos que essa expressão sempre existiu no país, por meio das artistas transformistas, mas, para a minha geração, de fato, *RuPaul's Drag Race* teve um grande impacto.” (BQUEER, 2022)<sup>19</sup>

Bqueer aponta *Rupaul's Drag Race* como o estalo inicial para sua proximidade com a cultura *drag*; e comigo também foi dessa forma. O programa, como dito por Bqueer, foi um marco para a popularização dessa forma de arte que, antes, era limitada a festas e apresentações de nicho, sem muita representação na mídia. Para nós dois, jovens *queer*, *Rupaul's Drag Race* apresentou um mundo atrativo e divertido de questionamentos de gênero. E como gayzinho em crescimento, ver pessoas tão orgulhosas contornarem as normas sociais de gênero e sexualidade foi revolucionário para mim.

Importante para a minha formação enquanto pessoa, também foi importante para minha formação enquanto artista. Ordenhei deste programa conceitos importantíssimos para a formação da série aqui estudada. O programa, apresentado pela tradicional *drag queen* Rupaul Charles - que, nos anos 80 e 90, ficou famosa nos Estados Unidos por ser representante dessa arte ainda desconhecida pelo grande público - é uma competição entre outras *drag queens* que fazem de tudo um pouco: apresentações musicais, dança, atuação e criação de roupas. No final de cada temporada, uma concorrente é escolhida como ganhadora.

O que mais me chama atenção nesse programa é a persona que cada *drag queen* cria para si. Algumas brincam mais com o ultrafeminino; outras brincam mais com a androginia; algumas são mais teatrais e criam personagens caricatos, enquanto outras usam mais da moda como principal linguagem. Independente da abordagem, uma coisa une a todas: suas personas *drag* são o que as catalisam a serem artistas (o que não é diferente, ao meu ver, de um pintor que cria um nome artístico).

---

<sup>18</sup> “Se montar” é o termo usado para definir quando uma pessoa bota os acessórios, roupas e afins para entrar na sua persona *drag queen*

<sup>19</sup> ENTREVISTA: a artista Rafael BQueer fala sobre o projeto Themônias, selecionado na bolsa ZUM/IMS de 2020. **Revista Zum**, 2022. Disponível em <https://revistazum.com.br/bolsa-zum-ims/entrevista-rafael-bqueer/>. Acesso em 15 fev. 2022.

Um ponto interessante do programa é poder conhecer as drag queens montadas, mas também seus “eus” desmontados. Pôr a persona *drag* e seu criador lado-a-lado nos permite refletir sobre a finalidade daquilo tudo. A mesma *drag* que faz o número musical e que costura a roupa poderia fazer aquilo sem se montar. Então para que ela se monta? Por observar muito isso, fui percebendo o jeito que muitas das participantes do programa também são confusas quanto a isso. Com desafios tão generalizados, como esperar que uma *queen* boa em dança vá também ser boa em design de roupas? É nessa questão que entra um dos conceitos que mais levei comigo. Os jurados do programa têm uma filosofia recorrente que é passada às participantes: ache suas qualidades principais e as aplique em tudo que fizer, para achar sua verdadeira essência de *drag* - aquilo que vai te diferenciar das outras -. Analisar essa filosofia me fez perceber que uma *drag queen* no programa estava sujeita a essa busca por uma identidade própria que se destaca das outras; essa busca incessante por um “eu” artístico que seja totalmente original; uma autoanálise e gestão de habilidades para suceder enquanto artista. Então, no final, a arte de *drag* seria essa busca incessante estampada nas pessoas. Uma pessoa que se punha em *drag* estaria, então, explorando seu interior em busca do seu “eu”. E essa busca pelo “eu” é o que mais me interessa.

Como dito por uma das participantes da décima terceira temporada do programa, Kandy Muse: “Todos zombavam do meu ceceio, das minhas falhas, do meu peso, do jeito que eu falo. Tudo em mim que era motivo de gozação, aqui foi celebrado<sup>20</sup>” (MUSE, 2021). Entender que seus defeitos também podem ser usados como combustível artístico foi extremamente importante para a criação de “Mil Beijinhos”. Pondo minha projeção numa tela, misturo minha imagem com uma exploração visual (feita através da pintura): o que uma drag queen faz com seu corpo e suas performances, maquiagens e roupas.

As *drag queens* que acabei conhecendo assistindo *Rupaul’s Drag Race* me trouxeram, além da fissuração pela busca do “eu”, uma proximidade maior com o movimento LGBTQIA+. Por ser um programa estadunidense, diversas das pautas políticas levantadas nos episódios não eram necessariamente iguais às levantadas na América Latina, mas eram próximas em algum nível. Na oitava temporada, é

---

<sup>20</sup>SORTUDA. In: RUPAUL’S Drag Race. Produção de Michelle Visage. EUA: VH1, 2009. 61 min. Temporada 13, episódio 14. Série exibida pela Netflix. Acesso 17 fev. 2022.

introduzida a participante Bob The Drag Queen, que abre histórias sobre militância política em Nova Iorque através de suas performances na rua. Também, conhecemos algumas histórias de pessoas soropositivas, que usam da arte drag para conscientizar pessoas sobre o vírus HIV - como é o caso da participante Ongina (primeira temporada) e Trinity K Bonet (sexta temporada) -.

O programa me trouxe proximidade com assuntos que englobam a vivência LGBTQIA+. E ter uma quantidade grande de *queens* passando pelo programa mostra os pontos convergentes da maioria das vivências de cada uma, assim como sempre há pontos únicos em cada história. O sentimento de busca pelo “eu” também passa por esse ponto: a proximidade com o todo, enquanto o “eu” ainda é único. No meu caso, explorar minha psique e sexualidade no trabalho é falar sobre mim, ao mesmo tempo que é conectar com a vivência geral de outras pessoas *queer*. Todo mundo faz parte de uma história única ao mesmo tempo que é influenciada por uma história geral.

Mesmo com assuntos diretamente conscientizadores, as *queens* traziam militância ao lado de glitter, maquiagem e humor. Essa é uma das táticas do programa: levar a audiência para um tom mais sério, trazendo assuntos pesados e pessoais, e quebrar o clima pesado com bom-humor e moda. Essa fórmula se entrelaçou na minha forma de pensar arte, ao perceber que era extremamente agradável para mim - enquanto espectador -, ter essa dualidade entre bom-humor e seriedade.



## Um mundo delicioso de escapismo e bom-humor

*“Eu to chapado de balão. To chapadão” – MC Zicão*

Pensando minhas etapas artísticas, ainda cursando Pintura 3 (BAB505) com o Prof. Aurélio Nery, posso apontar o início do meu interesse em trazer referências de cultura pop. Influenciado por artistas como Basquiat e Murakami, fazer essa ponte entre cultura de massa e arte erudita - que é extremamente questionável -, se tornou uma das minhas abordagens favoritas. Note, por exemplo, esse trabalho intitulado “É Por Isso Que Eu Sou Gay Hoje em Dia” de 2019.



<sup>21</sup>RAUATE. **É Por Isso Que Eu Sou Gay Hoje em Dia**. 2019. Acrílica e colagem s/ madeira, 60 x 80cm.

Era de interesse meu trazer o debate sexual para perto do debate geracional. As imagens de desenhos animados como Ele de *As Meninas Super Poderosas* e He-Man de *He-Man e Os Defensores do Universo* representam o que é chamado *queer coding*, explicado pelo site Book Riot como sendo “quando personagens não são explicitamente ditos como queer, mas existe subtexto o suficiente para a audiência entendê-los como queer”<sup>22</sup> <sup>23</sup> (tradução nossa). Basicamente, personagens que apresentam estereótipos do “ser gay” e “ser afeminado”.

Seguindo o debate desta problemática, acrescento personagens representantes do *queerbaiting*. “O termo define uma estratégia de marketing usada para se aproximar da comunidade LGBTQIA+, dando a entender que os personagens de um projeto vivem um relacionamento homoafetivo, quando, na verdade, isso não fica claro no filme”<sup>24</sup> aponta o site Hypheness, dando alguns exemplos da prática dentro do mundo midiático. Alguns dos personagens que representam o *queerbaiting* neste trabalho são Hyoga e Shun do anime *Cavaleiros do Zodíaco*, Chad e Ryan do filme *High School Musical* e Yukito e Touya do anime *Sakura Card Captor*. Em suas respectivas mídias, a narrativa é trabalhada dando a entender que os personagens estão em um relacionamento homoafetivo, mas isso nunca é confirmado. A problemática disso é o uso do *queerbaiting* enquanto estratégia narrativa para tornar a mídia mais atrativa para o público LGBTQIA+, mesmo que em nenhum momento os personagens sejam abertamente dados como homossexuais. Dessa forma, a mídia não se compromete em ser representativa para a comunidade LGBTQIA+, mas usa desse mecanismo para atrair esse mesmo público.

Todas essas mídias mencionadas fazem parte do imaginário dos jovens da minha geração; e algumas delas eram transmitidas em horário nobre na TV aberta nos anos 1990/2000. Notar como essa prática era (e é até hoje) comum dentro dos filmes e desenhos destinados ao público infantojuvenil foi um combustível para meu fazer artístico. É chocante para mim ver diversidade sexual e de gênero acontecer debaixo

---

<sup>22</sup> Do original “It’s when characters may not be explicitly stated to be queer, but there is enough subtext available for an audience to read them as queer”

<sup>23</sup> WHAT is Queerbaiting vs Queer Coding? **Book Riot**, 2021. Disponível em: <<https://bookriot.com/what-is-queerbaiting-vs-queer-coding/>> Acesso em 15 fev. 2022.

<sup>24</sup> O QUE significa queerbaiting e alguns exemplos para reflexão. **Hypheness**, 2021. Disponível em: <

dos nossos narizes mas, ainda assim, ser totalmente mascarado. E, ainda por cima, quando esses assuntos são abordados em mídias classificadas como sendo para público infantil, onde esses debates são completos tabus. Em História da Sexualidade, Foucault analisa a forma que a sexualidade infantil é tratada na sociedade contemporânea. Segundo o autor, a compreensão e aceitação da sexualidade infantil é o ponto principal para a forma que ela é tratada com tanto mistério. O autor indica “As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado” (FOUCAULT, 1976, p. 9).

Trago aqui esse debate precisamente por esse tema ser tão presente na mídia infantojuvenil; talvez até mais forçadamente para crianças *queer*. No momento em que todas as narrativas românticas e de implicação sexual aberta perpassam essas histórias sendo como forçadamente heterossexuais, e as narrativas possivelmente homossexuais são veladas e mascaradas como nesses exemplos dados de *queerbaiting*, o processo de heterossexualização compulsória é de agressão pura à criança que não se encaixa naquele padrão. A autora Judith Butler aponta essa heterossexualidade compulsória como o sistema regente da sociedade patriarcal e, ao meu ver, esse é o ponto inicial de agressão na cultura consumida pelo público infantil. O controle sexual e de gênero na compreensão binária da sociedade precisa da heterossexualidade compulsória para funcionar e continuar moldando a compreensão do “errado” em tudo que não é binário e hétero. A autora comenta:

“A instituição de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada exige e regula o gênero como uma relação binária em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual. O ato de diferenciar os dois momentos oposicionais da estrutura binária resulta numa consolidação de cada um de seus termos, da coerência interna respectiva do sexo, do gênero e do desejo.” (BUTLER, 1990, n.p)

E os problemas na vida da criança *queer* se estendem: vai passar a se culpar por não se sentir corretas, vai ter preocupação extra na forma que se porta e fala; em alguns momentos, vai forçar a se encaixar no molde heterossexual reproduzindo exatamente o que a oprime: repulsa extrema pelo *queer* e tudo que foge minimamente do padrão de heterocisnormatividade. Tudo ao redor da criança *queer* obriga ela a entender que

seus sentimentos são anormais no momento onde a heterossexualidade lhe é forçada goela abaixo, enquanto a sombra de homossexualidade é tratada como um mistério sobrenatural.

“Não se fala menos do sexo, pelo contrário. Fala-se dele de outra maneira; são outras pessoas que falam, a partir de outros pontos de vista e para obter outros efeitos. O próprio mutismo, aquilo que se recusa dizer ou que se proíbe mencionar, a discrição exigida entre certos locutores não constitui propriamente o limite absoluto do discurso, ou seja, a outra face de que estaria além de uma fronteira rigorosa mas, sobretudo, os elementos que funcionam ao lado de (com e em relação a) coisas ditas nas estratégias de conjunto. Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discrição é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos” (FOUCAULT, 1978, p. 28-29)

Em outro momento, no trabalho “Essa é a Representatividade LGBT Que a JK Rowling Deveria Ter Feito há Muito Tempo Mas ao Invés Disso Ela Fica Sendo Transfóbica no Twitter”, de 2020:



25

<sup>25</sup>RAUATE. Essa é a Representatividade LGBT Que a JK Rowling Deveria Ter Feito há Muito

Volto a abordar o *queerbaiting*, dessa vez feito pela autora J.K Rowling, da famosa saga de livros Harry Potter. Após a conclusão da escrita dos livros, Rowling comentou sobre a homossexualidade de um dos personagens mais famosos da saga, o diretor do colégio de bruxaria em que a história se passa. O site Hypheness comenta:

“J.K. Rowling afirmou que Dumbledore, um dos maiores personagens da saga, era um homem gay depois que todos os livros já haviam sido lançados. A orientação sexual do diretor de Hogwarts nunca foi abordada nos livros. Vale lembrar que a própria escritora tem sido duramente criticada em sua vida pessoal por conta de comentários transfóbicos sucessivos”<sup>26</sup>

Novamente, o problema que aponto com essa obra é a falta de representatividade. A autora, ao tornar um personagem sem nenhum envolvimento romântico explícito nos livros em um personagem teoricamente gay, está criando uma falsa representatividade. Nenhuma pessoa que for consumir a história vai ver um romance gay sendo narrado; e a falta de explicitude estagna a saga em uma saga totalmente heterossexual. E isso não muda em nada as vivências LGBTQIA+. Esse é o tipo de debate sexual e de gênero que eu vejo a cultura pop sendo capaz de realizar; sendo extremamente atrativo, no momento em que estamos falando de uma escola de magia e bruxaria. Por isso meu interesse em pontuar isso com minhas obras, misturando um assunto sério de vivência LGBTQIA+ com cultura de massa que é consumida por uma porção de pessoas diferentes. Conectar esse assunto com um livro de fantasia é aumentar o alcance do meu orgulho gay para um público possivelmente alienado dessas questões.

A importância da representatividade na mídia é uma tecla muito pressionada hoje em dia. Minorias, quaisquer que sejam, lucram em debate quando são representadas na cultura e política. Não é atoa que, em plena ascensão da extrema direita no Brasil, a exposição Queer Museum foi boicotada pelo Movimento Brasil Livre - ou MBL -, por

---

**Tempo Mas ao Invés Disso Ela Fica Sendo Transfóbica no Twitter.** 2020. Óleo, acrílica e colagem s/ duas lonas remendadas, 156 x 83cm.

<sup>26</sup> O QUE significa queerbaiting e alguns exemplos para reflexão. **Hypheness**, 2021. Disponível em: <https://www.hypheness.com.br/2021/08/o-que-significa-queerbaiting-e-alguns-exemplos-para-reflexao/#:~:text=O%20termo%20define%20uma%20estrat%C3%A9gia,n%C3%A3o%20fica%20claro%20no%20filme.>> Acesso em 15/02/2022.

movimentar o debate sexual e de gênero.<sup>27</sup>

Enquanto gayzinho, acho uma ótima estratégia ligar cultura pop com comentários *queer*. E enquanto artista, utilizar da minha arte como uma plataforma de reflexão é, para mim, uma das melhores coisas que posso fazer.

Posso apontar, então, o uso da cultura pop como mais um marco na minha jornada de graduação. Em 2018, cursando Pintura 2 (BAB410) com a Profa. Mirella Luz, visitei a exposição “Jean-Michel Basquiat” no Centro Cultural Banco do Brasil, que reunia mais de 80 obras do artista de mesmo nome<sup>28</sup>. O que mais me chamou atenção foi a forma que o artista abraçava as referências pop, e punha elas em um local de provocação. Foi então que comecei a ter mais proximidade com xs artistxs que também usam da provocação como um artifício; que usam da ironia como poética, e diminuem a distância entre arte de galeria e cultura de massa.

Produzi, nesse período, minha primeira obra em que fui propositalmente irônico, envolvendo minha crescente necessidade de debater sexualidade.



29

<sup>27</sup>QUEERMUSEUM: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. **El País**, 2017. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425\\_555164.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html) . Acesso em 15 fev. 2022.

<sup>28</sup> MOSTRA Jean-Michel Basquiat chega ao CCBB do Rio de Janeiro. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ri/rio-de-janeiro/o-que-fazer-no-rio-de-janeiro/noticia/2018/10/11/mostra-jean-michel-basquiat-chega-ao-ccbb-do-rio-de-janeiro.ghtml> . Acesso em 15 fev. 2022.

<sup>29</sup>RAUATE. **Quem Tá Lendo é Viado**. 2019. Acrílica, spray e carvão s/ lona, 156 x 83cm.

Trazendo à tona a figura homofóbica do veado, quis apropriar a piada que dá título à obra. “Quem Tá Lendo é Viado” é uma alusão ao ato de deixar desconfortável aqueles que lêem o título e têm suas masculinidades postas em dúvida - brincadeira muito comum entre jovens no colégio -. As linhas pretas feitas em spray são um desenho abstraído de dois homens se beijando: nota-se minha vontade prévia de trazer essa iconografia aos trabalhos.

Em “Mil Beijinhos”, uma referência que quis deixar muito clara foi a de Mario 64<sup>30</sup>, tradicional jogo do console Nintendo 64. Por motivos de apego emocional, o ato de “entrar” na tela é o que o personagem Mario Bros - protagonista da franquia - faz para acessar as diferentes fases do jogo: se joga de cabeça e literalmente entra nas pinturas penduradas na parede do castelo em que o jogo se passa. Em cada pintura, abre-se um novo universo de possibilidades a ser explorado<sup>31</sup>.

Nos trilhos do caminho de cultura pop na arte, acabei me apaixonando também pelo trabalho de Takashi Murakami. Em especial, de seus trabalhos *superflat* hiperssexualizantes com personagens tipicamente de animes. *Hiropon* e *My Lonesome Cowboy* me conquistaram com o uso irônico dessa estética comercial a qual vários animes utilizam, combinados com traços eróticos extremamente exagerados.

---

<sup>30</sup> MARIO 64. Japão: Nintendo, 1996. 1 jogo eletrônico.

<sup>31</sup> Disponível em

[https://68.media.tumblr.com/61bc3a02e1f89c1be8cfba386c07960a/tumblr\\_inline\\_or6wbu5FIV1ta38kk\\_540.gif](https://68.media.tumblr.com/61bc3a02e1f89c1be8cfba386c07960a/tumblr_inline_or6wbu5FIV1ta38kk_540.gif) Acesso em 22 fev. 2022.



32

---

<sup>32</sup> MURAKAMI, Takashi. **Hiropon**. 1997. Óleo e acrílica s/ fibra de vidro, 223.5 x 104 x 122 cm.





33

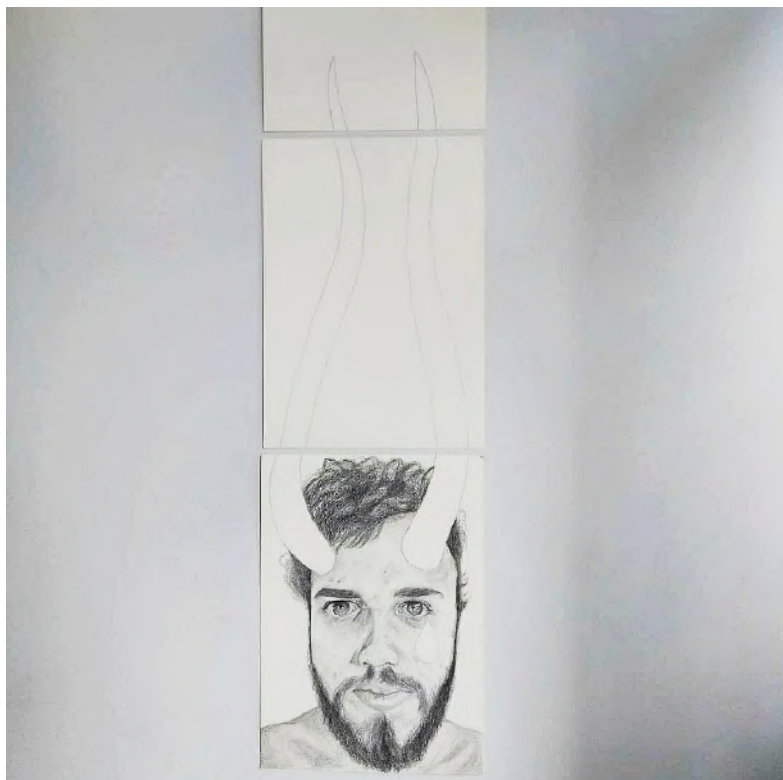
Esses trabalhos me despertaram para a possibilidade de uma apropriação consciente desses clichês da cultura pop - como é o caso da estética dos animes -.

Em Pintura 3 (BAB505) com o Prof. Aurelio Nery, um período após “Quem Tá Lendo é Viado”, segui abordando ironia como poética. Com o trabalho "Autorretrato. Tô Ouvindo Muito Marília Mendonça”, trouxe o constante comentário sobre o “ser corno” que o sertanejo brasileiro trata, especialmente no trabalho da saudosa Marília. Em “Biscoiteirah”, comento sobre o personagem do “biscoiteiro” - a pessoa que vive para pedir elogios *online*, normalmente voltado para homens gays -, e trago nomes de marcas de biscoitos famosas no imaginário brasileiro. “Uma Ode à Pirataria Online” está diretamente ligada ao costume de se piratear filmes e séries através dos

---

<sup>33</sup> MURAKAMI, Takashi. **My Lonesome Cowboy**. 1998. Óleo e acrílica s/ fibra de vidro, 254 x 116.8 x 91.4

arquivos de *torrent* (ato criticado por uns e abraçado por outros), além de fazer alusão às tradicionais pinturas de marinas. Em “Go Ahead and Choose, Red”, trago pokémon praticando autofelação, em provocação aos típicos fãs conservadores que reclamam de inclusão de minorias nas mídias com a conhecida frase “você estragou a minha infância”.



---

<sup>34</sup>RAUATE. **Autorretrato. Tô Ouvindo Muito Marília Mendonça.** 2019. Tríptico de grafite s/ papel, 130 x 29,7cm.



35



36

<sup>35</sup>RAUATE. **Biscoiteirah**. 2019. Acrílica, pastel oleoso e grafite s/ madeira, 60 x 80cm.

<sup>36</sup>RAUATE. **Uma Ode à Pirataria Online**. 2019. Acrílica, pastel oleoso, glitter e caneta permanente para CD s/ tela, 60 x 80cm.



Foi na época em que desenvolvia esses trabalhos que comecei a me interessar por mais um tópico importante para o desenvolvimento da minha poética como ela é hoje. Nas obras acima citadas, existe um denominador em comum: a linguagem das redes sociais.

---

<sup>37</sup>RAUATE. **Go Ahead and Choose, Red.** 2019. Óleo s/ tela, 131 x 82cm.

## A língua dos robôs

*“Pane no sistema, alguém me desconfigurou*

*Aonde estão meus olhos de robô?” – Pitty*

Minha lógica para começar a debater tecnologia no meu trabalho foi bem simples: é minha responsabilidade enquanto artista trazer as questões da nossa sociedade contemporânea. E, para mim, não há nada mais marcante na minha geração do que o uso contínuo das redes sociais enquanto um veículo de cultura e informação.

Começar a explorar esse assunto foi um tanto caótico. Existem milhões de tópicos possíveis de abordar quando se fala de *internet*. Tecnologia de vigilância em massa, perda de traquejo social, extrema direita organizada por grupos de *Facebook*, *fake news* em grupos de *Whatsapp*. Mas como tudo que eu faço, incorporei o “gay” no assunto.

Comecei a pensar especialmente na linguagem das redes sociais. Como a forma que falo com meus amigos é totalmente moldada pelos assuntos e gírias que surgem diretamente do *Twitter* ou do *Instagram*. E, acima de tudo, como a língua se adapta nesse cenário. Em certo ponto dos memes da *internet*, começou-se a usar asteriscos para se falar de coisas não desejáveis - como mencionar o nome do presidente Jair Bolsonaro e contas fantasma comentarem a publicação com mensagens agressivas -. Dessa forma, os asteriscos serviriam como um anonimato. Percebi que esse era um meme impossível de ser usado em conversas da vida real, uma vez que tentei mencioná-lo em uma conversa e percebi que ele foi criado especificamente para mensagens de texto.

Como exemplo desse debate, abordo a obra “Pisa Menos, Mana”, produzida na matéria Videoarte 1 (BAE005), do curso de Artes Visuais, com a Profa. Beatriz Pimenta:



Para esse trabalho - além de trazer o já mencionado elemento do pé -, quis debater o assunto da linguagem virtual com vídeo. “Pisa menos” e “mana” são expressões usadas principalmente pela comunidade LGBTQIA+ no *Twitter*. Se alguém as utilizar em uma conversa fora das redes sociais, a pessoa já se mostra uma usuária regular do *Twitter* e também mostra proximidade à comunidade em questão. Tudo isso com uma simples expressão.

O uso de expressões típicas da *internet* se tornou regular na minha produção. Em quase todos os títulos, evoco referências dessas redes sociais e trago meus trabalhos para uma esfera virtual. Em relação aos trabalhos mencionados no capítulo anterior, “Biscoiterah” é fruto de uma gíria ligada a pessoas que buscam elogios constantes nas redes; e também o sufixo “ah”, comumente usado pela comunidade LGBTQIA+. “Autorretrato. Tô Ouvindo Muito Marília Mendonça” é referente à popular cantora que se tornou ícone dos cornos, fato que virou piada no *Twitter*. Em “Uma Ode à Pirataria Online”, também mencionado anteriormente, debato sobre a fácil pirataria de mídias possível pelos arquivos de *torrent*.

---

<sup>38</sup>RAUATE. **Pisa Menos, Mana**. 2019. 1 vídeo (37 seg). Publicado pelo canal Rauate. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7WgMX4Q0yIE> . Acesso em 21 fev. 2022.

A paixão por nossos celulares, quase como uma extensão de nossos corpos, é muito curiosa para mim. Como mencionei na introdução deste trabalho, assumir minhas referências pessoais foi um passo importante para a minha poética, e aqui não foi diferente. Entender que sou extremamente moldado pela minha vivência virtual é entender que ela também pode se tornar parte da minha produção artística.

Todo esse caminho foi essencial para chegar na vídeoarte. Mais que apenas referências da língua das redes sociais, quis começar a usar meu celular como meu pincel. Gravar vídeos com ele é como dar uma pincelada de tinta acrílica. Mas antes de entrar totalmente na produção de vídeos, fiz um experimento artístico no meu instagram.

No capítulo “Pisa menos, mana” mencionei sobre a busca de referências de pé a partir dos meus seguidores da rede para a produção de “Eu e o Quentin Tarantino Temos Muito em Comum”. Antes da produção do trabalho em questão, já havia feito isso em trabalhos anteriores. Pedir para que meus seguidores entrem no meu trabalho enquanto anônimos que aumentam meu engajamento virtual. Como exemplo, trago “O Sofrimento do Artista Contemporâneo... Quando Vão Nos Aceitar?”. Pedi para meus seguidores me mandarem frases típicas de deboche à arte contemporânea, para serem postas numa pintura. A cada comentário, punha a frase pintada na tela em posição de ataque à uma artista - que está em papel próximo a de uma princesa indefesa -. Dessa forma, pude definir meu *instagram* como fator crucial para a produção da pintura, trazendo para perto a obra física do mundo virtual. Com dizeres de “eu não teria isso em casa”, “até uma criança faz isso” e “mas nem é bonito essa merda”, a artista-princesa é escoltada por um nobre cavaleiro - referência a um meme recorrente do *Twitter*-.



39



40 41

<sup>39</sup>RAUATE. **O Sofrimento do Artista Contemporâneo... Quando Vão Nos Aceitar?** 2020. Acrílica, guache e pastel oleoso s/ tela, 122 x 91cm.

<sup>40</sup> DESTRAMBILHEI a churupeta na parafuseta do canguru pernetta. [S./]. 18 mar. 2018. Facebook: Destrambilheiachurupeta. Disponível em: <https://web.facebook.com/Destrambilheiachurupeta/photos/a.657570841299558/718350581888250/> . Acesso em 05 abr. 2022.

<sup>41</sup> LING, Wang. **Ghostblade**. Disponível em <https://www.wattpad.com/story/194582780-ghostblade-pt-br> . Acesso em 05 abr. 2022.



A pesquisa em cima da linguagem virtual segue sendo feita até hoje. A própria incorporação da carência é advinda da facilidade de expor esse sentimento nas redes sociais -como, por exemplo, no uso excessivo de aplicativos de paquera-. A apropriação dos pés enquanto ícones artísticos também é parte da linguagem das redes sociais, num momento em que a popularização dos *packs* de pezinho se deu a partir dos memes do *Twitter*. As referências à linguagem virtual, então, se tornaram parte importante do desenvolvimento de “Mil Beijinhos”.

## O Vídeo e a Pintura sentados na árvore se B-E-I-J-A-N-D-O

*“No escurinho do cinema*

*Chupando drops de anis*

*Longe de qualquer problema*

*Perto de um final feliz” – Rita Lee*

O começo de “Mil Beijinhos” foi marcado no momento em que casei o vídeo com a pintura. A vontade de me exhibir como um personagem nos trabalhos, tal qual um ator, foi algo possibilitado somente com o vídeo. Durante os trabalhos da série, me torno diretor, ator, produtor e roteirista, além de apenas pintor. E o gatilho inicial para isso foi minha vontade latente por atenção.

Com “Jardim Delicioso” - primeiro trabalho feito nesse formato - o meu desejo inicial era explorar apenas a carência. E em um segundo momento, notei que o narcisismo era parte crucial do processo criativo. A autora Rosalind Krauss afirma que “A videoarte e as especificidades de seu medium possuem narcisismo inerente” (KRAUSS, 1976 p.145). O medium da videoarte *a priori*, segundo a autora, seria os aparelhos eletrônicos necessários para a produção de um vídeo -câmera, monitor, microfone, etc-. Porém, Krauss teoriza :

“o medium real do vídeo é uma situação psicológica em que se busca retirar a atenção de um objeto externo – um Outro – e investir no *self*<sup>42</sup>. Conseqüentemente, não estamos falando apenas de uma condição psicológica qualquer. Trata-se da condição de alguém que, nas palavras de Freud, “abandonou o investimento libidinal nos objetos e transformou o objeto-libido no ego-libido”. E essa é a condição específica do narcisismo.” (KRAUSS, 1976, p.150)

Em outras palavras, a escolha do vídeo enquanto arte já é essencialmente narcisista. A lente da câmera começou a se tornar um espelho para mim; e o ato de projeção se tornou uma masturbação. Parte do meu fazer artístico nessa série passou a ser, então, um momento de me observar e de dar a atenção que eu tanto queria... para mim mesmo. À medida que os trabalhos foram sendo feitos, fui percebendo cada vez mais a conexão entre a carência e o narcisismo das obras. E, me aprofundando mais no

---

<sup>42</sup> Termo em inglês que significa algo como “auto”, “próprio” ou “eu”.

caso, cheguei a conclusão de que a carência é uma consequência do narcisismo. A carência é minha vontade de criar laços emocionais com outras pessoas; o narcisismo é minha vontade de receber atenção dos outros. Não existe carência sem narcisismo, sendo ela um fruto da minha fome de atenção.

Meu amor pelo audiovisual foi elemento crucial na produção de tudo isso. Como mencionado na introdução da monografia, uma das minhas inspirações para esses trabalhos foi o meu consumo obsessivo por romances gays. Trago como exemplo o romance “HIStory 3: Make Our Days Count”, que foi uma das minhas obsessões. Não só o cenário novo de uma história passada na capital taiwanesa de Taipé foi um acréscimo de curiosidade, o gênero *Boy Love* entrou na minha vida. O site Yatta-Tachi traz a explicação desse termo dizendo “‘Boys love’ enquanto expressão começou a ser utilizada nos anos 90 usada para descrever mangás comerciais e histórias leves com foco em relacionamentos entre homens”<sup>43</sup> (tradução nossa)<sup>44</sup>. O site também menciona sobre o público alvo dessas histórias. Diferente do que se espera de uma obra de romance entre homens no ocidente, os *Boy Love* não são uma peça de mídia feita para gays, mas sim histórias criadas para atender o público feminino, o que marca o gênero até hoje. “Tradicionalmente, BL<sup>45</sup> se apresenta como sendo “de mulheres, para mulheres”<sup>46</sup> (tradução nossa), também comentando sobre a grande maioria das autoras de *Boy Love* serem essas mulheres. Enfim, essas são as características principais dos BL: são produções do leste e sudeste asiático e são feitas para o público feminino. E esse ponto do público alvo é o mais interessante para mim. Serem peças feitas por mulheres, para mulheres, torna a perspectiva da mídia diferente de tudo que já havia visto. São produções romantizadas, que lidam com a masculinidade dos personagens de forma muito diferente. São todos homens idealizados, em romances que acontecem à primeira vista, numa fantasia ultraromântica - que eu gosto tanto de explorar -.

---

<sup>43</sup>OLSEN, Caroline. The History of BL (Boys' Love). **Yatta Tachi**, 2017. Disponível em: <https://yattatachi.com/history-of-boys-love>. Acesso em 04 abr. 2022.

<sup>44</sup> Do original “‘Boy love’ as an expression first came into existence in the 90s, and was used to describe commercial manga and light novels with a focus on male relationships”.

<sup>45</sup> Abreviação de *Boy Love*

<sup>46</sup>Do original “Traditionally, BL has been presented as being “by women, for women”.



47

Além dos BL, minhas referências em ficção científica e fantasia - abordadas muito no capítulo “Um mundo delicioso de escapismo e bom-humor” - englobam, também, o audiovisual. Filmes e séries são de extrema importância na minha criação enquanto artista, e trabalhar com vídeo foi definitivo para assumir isso em meu trabalho (novamente, a busca incessante pelo “eu”, abordado no capítulo “Don’t be a DRAG, just be a QUEEN”). Para trazer audiovisual no trabalho, passo por todos os meus gostos, sempre abordando os meus amores masculinos. Por exemplo, em “Hora do Intervalo”, um ponto central para a narrativa é a ironização dos romances escolares; séries *teen* populares conhecidas por seus romances bregas (que eu amo tanto e consumo desenfreadamente). Neste trabalho, também trago elementos dos animes, como os típicos uniformes e as flores de cerejeira.

---

<sup>47</sup> HISTORY 3: Make Our Days Count. Produção de Rex Chang. Taiwan, 2019. son., color. Série exibida pela Rakuten Viki. Acesso 04 mar. 2022.



Para Jardim Delicioso também incorporo o cinema na narrativa, mas desta vez com um olhar mais clássico. Quis trazer um filme icônico para o movimento LGBTQIA+ que tem tanta potência na história do movimento *queer*. Venho caminhando do fundo da tela seguindo uma rua colorida, como Judy Garland um dia fez em “O Mágico de Oz”.



<sup>48</sup> RAUATE. **Hora do Intervalo**. 2021. Vídeo s/ acrílica e pastel oleoso s/ lona. 206 x 150 cm. 1 vídeo (110 seg). Publicado pelo canal Rauate. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=USrlhW\\_I3Ws](https://www.youtube.com/watch?v=USrlhW_I3Ws) . Acesso em 04 abr. 2022.

<sup>49</sup> RAUATE. **Jardim Delicioso**. 2021. Vídeo s/ acrílica, guache, pastel oleoso e spray s/ lona, 217 x



Adiciono, então, meu desejo latente de construir minha própria narrativa cinematográfica com as vídeopinturas, fundindo os universos artísticos que mais amo. Quebrando as barreiras entre imagem estática, imagem em movimento e som, eu anseio na construção de um universo próprio com minhas narrativas, referências e cenários.

## Universo Cinematográfico do Rauate (RCU)

“*Vingadores, avante*” – Steve Rogers

Um dos principais fatores visuais para a criação de “Mil Beijinhos” foi a minha vontade de criar um mundo próprio. Visualmente, inhas influências plásticas variam muito. Pretendo explorar neste capítulo quais foram minhas principais paixões para criar as vídeopinturas no quesito estético.

O início da criação desse universo próprio, incorporando todas essas referências pessoais que carrego, pode ser pontuado na matéria Representação da Terceira Dimensão (BAF302) com o Prof. Marcelus Gaio, em 2020.1. Durante o curso, o professor incentivou a exploração de cenários naturais e urbanos, trazendo diversas

---

158cm. 1 vídeo (47 seg). Publicado pelo canal Rauate. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eJ1gnxHOkSQ> . Acesso em 30 mar. 2022.

<sup>50</sup> O MÁGICO de Oz. Direção de Victor Fleming. EUA: Loews Cineplex Entertainment, 1939. HBO Max.

referências menos tradicionais do mundo de artes plásticas: trouxe cenários de animes, desenhos animados e afins. Até então, o uso do cenário nos meus trabalhos era limitado a campos de cor e grafismos, mas nunca lugares específicos. O que entendi nessa matéria pode ser relacionado com minha obsessão pela busca por um “eu” mencionada no capítulo “Don’t be a DRAG, just be a QUEEN”, depois também desenvolvida no capítulo “Um mundo delicioso de escapismo e bom-humor”. Minhas referências de *games* e meu amor por uma experiência imersiva em mundos fantásticos é atrativo para se trazer em trabalhos artísticos.

A ficção é muito atrativa para mim principalmente pelo debate desenvolvido no capítulo “Um mundo delicioso de escapismo e bom-humor”. Amo a ideia de fazer arte e trazer o público para uma reflexão alto-astral, ao invés de trazer os debates importantes com um tom sombrio e sério. Para mim isso é ficção: um grande eufemismo para a realidade, onde se torna mais atrativo debates filosóficos.

Aponto algumas mídias que têm na criação de um mundo próprio a principal atração para mim. “O Castelo no Céu”, animação do diretor Hayao Miyazaki, é um filme que conta a história da cidade perdida de Laputa. A arquitetura da cidade é toda baseada em ruínas onde a vegetação tomou conta. Sua atmosfera de lagos e jardins perdidos é o que me mais me intriga, onde não há nenhum habitante além dos protagonistas do filme, que chegam em Laputa em certo ponto do enredo.

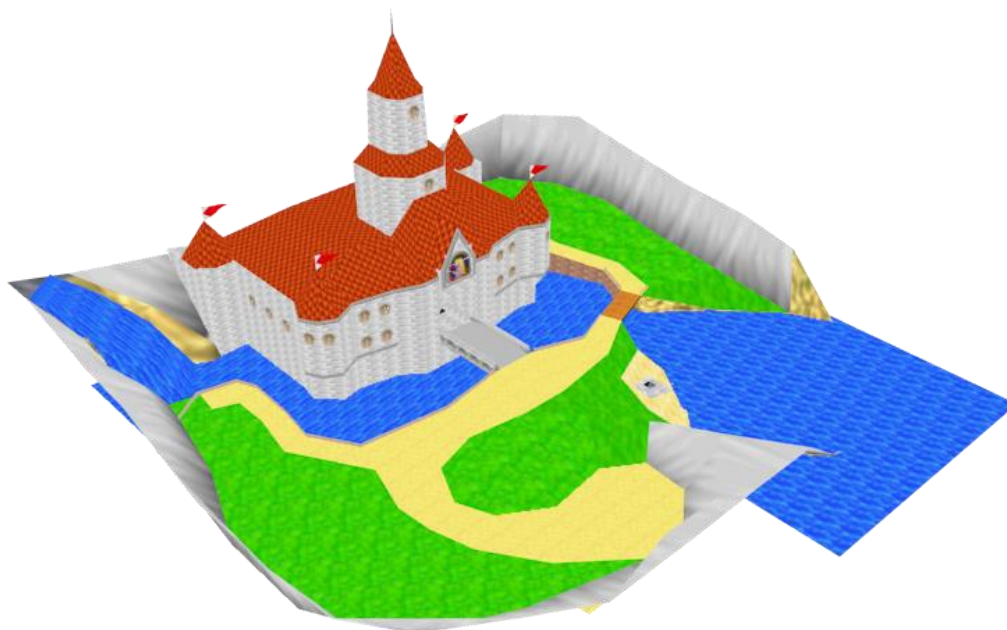


51

---

<sup>51</sup> O CASTELO no Céu. Direção de Hayao Miyazaki. Japão: Toei Company, 1986. Netflix.

O jogo Mario 64, mencionado no capítulo “Um mundo delicioso de escapismo e bom-humor” é outra mídia que trabalha com a imensidão de um local isolado e pacífico. No jogo, o protagonista desbrava um lindo castelo com um entorno de natureza solitária.



52

Também no mundo dos jogos, “Shadow of the Colossus” fez parte da minha infância, e me conquistou exatamente pela atmosfera imensa e solitária, de arquitetura bela se fundindo com a natureza. No jogo, o protagonista desbrava templos perdidos, florestas e lagos desenhados de forma esplêndida. Essa atmosfera solitária e misteriosa é o meu combustível principal para a criação dos cenários de “Mil Beijinhos”. Em alguns momentos trabalho mais a arquitetura, enquanto em outros trabalho a beleza natural.

---

<sup>52</sup> MARIO 64. Japão: Nintendo, 1996. 1 jogo eletrônico.





53

Sou muito fã da série de trabalhos da artista Adriana Varejão “Saunas e Banhos”. Para mim, esse é um excelente exemplo de criação de mundo nas artes plásticas do Brasil. Essas pinturas me transportam diretamente a um universo sereno e úmido de azulejos coloridos. Em toda sua série de pinturas, a sensação de imersão em um mundo próprio é o que mais me excita sobre os trabalhos. Um mundo onde não há mais ninguém além de você e os azulejos coloridos.

Para criar “Banheirão”, incorporei quase que uma releitura à pintura “O Obsessivo” de Adriana Varejão. Dentro da paisagem pacífica de uma sauna de azulejos, vou ao encontro de um de meus homem-de-tinta que me espera na esquina da sala, pronto para ser cortejado e amado.

---

<sup>53</sup> SHADOW of the Colossus. Japão: Team Ico, 2005. 1 jogo eletrônico.



54



55

Varejão é, para mim, um perfeito exemplo de criação de mundo dentro das artes plásticas brasileiras. Em sua série “Saunas e Banhos”, a artista teletransporta o

<sup>54</sup> VAREJÃO, Adriana. **O Obsessivo**. 2004. Óleo s/ tela, 280 x 225cm.

<sup>55</sup> RAUATE. **Banheirão**. 2021. Vídeo s/ acrílica e pastel oleoso s/ tela. 150 x 70cm. 1 vídeo (69 seg). Publicado pelo canal Rauate. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=E\\_gY\\_L2qajU](https://www.youtube.com/watch?v=E_gY_L2qajU) . Acesso em 30 mar. 2022.

público para estes cenários imensos e pacíficos, coloridos e serenos. Muito parecido com o que os *games* mencionados fizeram comigo, o trabalho imersivo da artista me fez almejar por esse sentimento de imersão profunda.

Uma outra referência visual nas artes plásticas para os meus jardins coloridos de “Mil Beijinhos” foi o artista inglês David Hockney. Só o simples fato do artista também ser um gayzinho me tornou interessado em seus campos de cor. Curiosamente, Hockney também era interessado por *drag queens*, como mostra em seu retrato da *drag queen* Divine.



56

---

<sup>56</sup> HOCKNEY, David. **Divine**. 1979. Acrílica s/ tela, 150,5 x 150,5cm.



57

Com isso em mente, estabeleci um lindo jardim verde com flores coloridas, árvores de flores rosa e azulejos violeta para incorporarem o Universo Cinematográfico do Rauate, onde eu e os homens-de-tinta vivemos lindos romances.

---

<sup>57</sup> HOCKNEY, David. **A bigger interior with blue terrace and garden**. 2017. Acrílica s/ tela, 121,9 x 243,8 cm.

## FINISH HIM

A criação dos seis trabalhos de “Mil Beijinhos” foi um período de muito debate interno e autocrítica. Tenho vontade ainda de desdobrar esse formato de diversas outras formas, tendo em vista que pintura e vídeo são universos tão gigantescos de possibilidades infinitas.

Foi uma série que começou a ser produzida em um período tão sombrio da humanidade. A pandemia de 2020 me afetou muito, e afetou todos ao meu redor. Mas, por mais distorcido que isso seja, fico feliz em ver que consegui criar algo que me orgulho num momento tão crítico. A pandemia nos fez perceber o quão a vida é frágil, e esses trabalhos são a minha celebração à vida. No momento que abaixo minhas barreiras de vergonha e culpa - com minhas referências bregas e meus sentimentos negativos-, e os uso como catalisadores artísticos, me abro para o fazer artístico mais honesto que posso ter.

Impossível para mim degustar essas obras sem todos os pontos abordados ao decorrer dos capítulos. A linguagem virtual, a ironia, o tom bem-humorado, o debate sexual, a cultura pop, a criação de universo, a carência e o narcisismo, são todos pontos que se entrelaçam, e me acompanham em tudo que faço. Com essas vídeopinturas, tentei sugar ao máximo todos os meus interesses e fazer um grande suco de Rauate. Filtrá-lo e servi-lo foi meu maior desafio, mas os resultados finais me agradam muito.

É claro que minha exploração ainda vai me trazer muitos resultados bons e ruins. Mas foi exatamente a exploração visual e conceitual feita na minha graduação em Pintura que tornou “Mil Beijinhos: Crônicas de um Gay Carente” realidade. Foi no primeiro trabalho feito nas aulas da EBA, até o último, que o caminho para essas vídeopinturas foi pavilhado.

## OBRAS



RAUATE. **Jardim Delicioso**. 2021. Vídeo s/ acrílica, guache, pastel oleoso e spray s/ lona, 217 x 158cm. 1 vídeo (47 seg). Publicado pelo canal Rauate. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eJ1gnxHOkSQ> . Acesso em 30 mar. 2022.



RAUATE. **Banheirão**. 2021. Vídeo s/ acrílica e pastel oleoso s/ tela. 150 x 70cm. 1 vídeo (69 seg). Publicado pelo canal Rauate. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=E\\_gY\\_L2qajU](https://www.youtube.com/watch?v=E_gY_L2qajU) . Acesso em 30 mar. 2022.



RAUATE. **Hora do Intervalo**. 2021. Vídeo s/ acrílica e pastel oleoso s/ lona. 206 x 150 cm. 1 vídeo (110 seg). Publicado pelo canal Rauate. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=USrIhW\\_I3Ws](https://www.youtube.com/watch?v=USrIhW_I3Ws) . Acesso em 04 abr. 2022.



RAUATE. **João 13:1-17**. 2021. Vídeo s/ acrílica e óleo s/ tela. 140x70. 1 vídeo (130 seg). Publicado pelo canal Rauate. Disponível em <https://youtu.be/uGOPteQL2nI> . Acesso em 16 fev. 2022.



RAUATE. **Eu e o Quentin Tarantino Temos Muito em Comum**. 2021. Vídeo s/ acrílica s/ telas variadas. 145 x 150 cm. 1 vídeo (154 seg). Publicado pelo canal Rauate. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AXv6k2bIMQ&t=2s> . Acesso em 15 fev. 2022.





RAUATE. **Me Encontra na Lateral**. 2021. Vídeo s/ óleo, acrílica, pastel oleoso e spray s/ lona, 203 x 155 cm. 1 vídeo (45 seg). Publicado pelo canal Rauate. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eW7m7ewB-yQ> . Acesso em 30 mar. 2022.

## BIBLIOGRAFIA

ALADDIN. Direção de John Musker e Ron Clements. EUA: Buena Vista Pictures, 1992. Disney+.

AS CRÔNICAS de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa. Direção de Andrew Adamson. EUA: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2005. Disney+.

AS CRÔNICAS de Spiderwick. Direção de Mark Waters. EUA: Paramount Pictures Studios, 2008. Prime Video.

BÍBLIA. João. Português. In: **Bíblia sagrada**. Versão de Frei João José Pedreira de Castro. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2002. Cap. 13, vers.1-17.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 16. ed. Tradução de Renato Aguiar. Brasil, Civilização Brasileira, 2018.

ENTREVISTA: a artista Rafael BQueer fala sobre o projeto Themônias, selecionado na bolsa ZUM/IMS de 2020. **Revista Zum**, 2022. Disponível em <https://revistazum.com.br/bolsa-zum-ims/entrevista-rafael-bqueer> . Acesso em 15 fev. 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. 13.ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 149 p.

GOMES, Alair. **Beach Triptych N° 13**. 1970-1980. Gelatina e prata, 40 x 100 cm.

HISTORY 3: Make Our Days Count. Produção de Rex Chang. Taiwan, 2019. son., color. Série exibida pela Rakuten Viki. Acesso 04 mar. 2022.

JOBIM, Tom. **Chega de Saudade**. Rio de Janeiro: Odeon Records, 1958. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5LfaYKdqfnY> . Acesso em 14 fev. 2022.

KILL Bill: Volume 1. Direção de Quentin Tarantino. EUA: Miramax, 2003. HBO Max.

KRAUSS, Rosalind. **Vídeo: a estética do narcisismo**. Arte & Ensaios. Tradução de Rodrigo Krul e Thais Medeiros. n. 16, Rio de Janeiro, 2008, p. 144-157. Disponível em [https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae16\\_Rosalind\\_Krauss.pdf](https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae16_Rosalind_Krauss.pdf) . Acesso em 14 fev. 2022.

LEE, Rita. **Amor e Sexo**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ho-iGFctXe8> . Acesso em 14 fev. 2022.

LEONILSON. **Sob o Peso dos Meus Amores**. 1990. Tinta preta e aquarela sobre papel, 29x21 cm.

MARIO 64. Japão: Nintendo, 1996. 1 jogo eletrônico.

MOSTRA Jean-Michel Basquiat chega ao CCBB do Rio de Janeiro. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/o-que-fazer-no-rio-de-janeiro/noticia/2018/10/11/mostra-jean-michel-basquiat-chega-ao-ccbb-do-rio-de-janeiro.ghtml> . Acesso em 15 fev. 2022.

MURAKAMI, Takashi. **Hiropon**. 1997. Óleo e acrílica s/ fibra de vidro, 223.5 x 104 x 122 cm.

MURAKAMI, Takashi. **My Lonesome Cowboy**. 1998. Óleo e acrílica s/ fibra de vidro, 254 x 116.8 x 91.4 cm.

O CASTELO no Céu. Direção de Hayao Miyazaki. Japão: Toei Company, 1986. Netflix.

O QUE significa queerbaiting e alguns exemplos para reflexão. **Hypeness**, 2021. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/08/o-que-significa-queerbaiting-e-alguns-exemplos-para-reflexao/#:~:text=O%20termo%20define%20uma%20estrat%C3%A9gia,n%C3%A3o%20fica%20claro%20no%20filme> . Acesso em 15 fev. 2022.

OLSEN, Caroline. The History of BL (Boys' Love). **Yatta Tachi**, 2017. Disponível em: <https://yattatachi.com/history-of-boys-love> . Acesso em 04 abr. 2022.

QUEERMUSEUM: O dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. **El País**, 2017. Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425\\_555164.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html) . Acesso em 15 fev. 2022.

RUPAUL'S Drag Race. Produção de Michelle Visage. EUA, 2009. son., color. Série exibida pela Netflix. Acesso 17 fev. 2022.

SHADOW of the Colossus. Japão: Team Ico, 2005. 1 jogo eletrônico.

VAREJÃO, Adriana. **O Obsessivo**, 2004. Óleo s/ tela, 280 x 225cm.

WHAT is Queerbaiting vs Queer Coding? **Book Riot**, 2021. Disponível em: <https://bookriot.com/what-is-queerbaiting-vs-queer-coding> . Acesso em 15 fev. 2022.

Exposição individual



    
UFRJ

**Abertura:**  
**01/11 às 12h**  
traga fone de ouvido

*Nil Beijinhos:  
Crônicas de um gay carente*

**Danilo Howat**

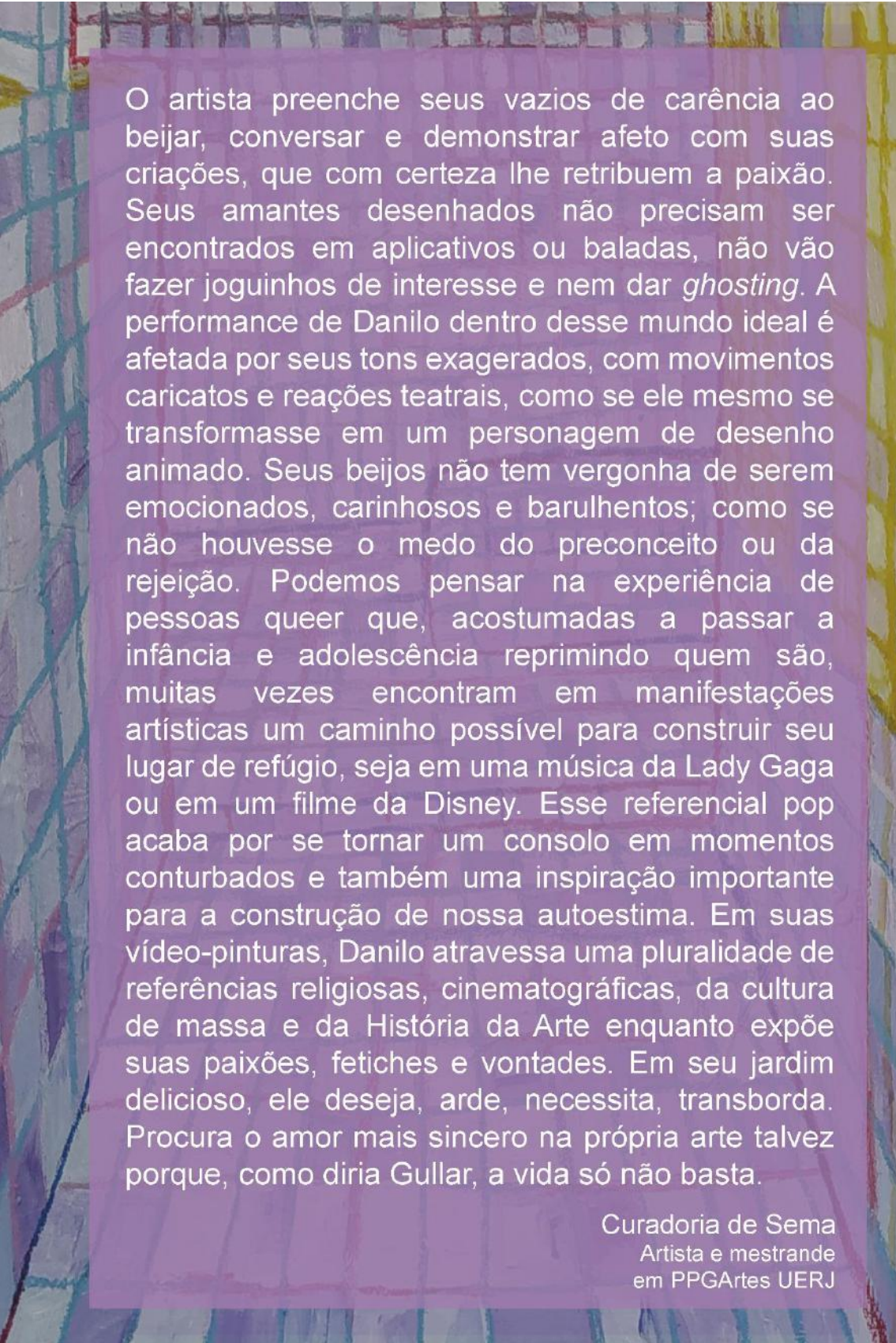
**Galeria Macunaíma**  
**Prédio da Reitoria da UFRJ - Ateliê de Pintura**  
**Av. Pedro Calmon, 550**

**1 a 10 de Novembro**  
seg. a sex. | 8h às 17h

## Mil Beijinhos: Crônicas de um Gay Carente

E se pudéssemos fugir para um mundo novo, livre de desilusões e abandonos, onde amamos e somos sempre correspondidos? Um paraíso ideal em que todos os nossos desejos e fantasias são saciados? A presente exposição, primeira individual do artista Danilo Howat, nos leva para este lugar especial fruto de seu próprio imaginário. Suas pinturas, marcadas por uma explosão de cores saturadas, são compostas por arco-íris, flores, campos gramados, estradas prateadas e garotos belos. Elas também são ativadas por projeções de vídeos em que o próprio artista surge imerso no mundo que criou, interagindo com os cenários e seus personagens. Como um filme de fantasia em que o protagonista é transportado magicamente para uma terra encantada em *technicolor*, Danilo parece encontrar em suas pinturas um portal de escape para realizar tudo que sempre desejou. Nesse lugar, leões covardes e corações com buraquinhos convivem com pés de Tarantino em carregados tons de Almodóvar. O lúdico se mistura com o erótico, e o corpo sagrado é maculado de prazer.

Curadoria de Sema  
Artista e mestrando  
em PPGArtes UERJ



O artista preenche seus vazios de carência ao beijar, conversar e demonstrar afeto com suas criações, que com certeza lhe retribuem a paixão. Seus amantes desenhados não precisam ser encontrados em aplicativos ou baladas, não vão fazer joguinhos de interesse e nem dar *ghosting*. A performance de Danilo dentro desse mundo ideal é afetada por seus tons exagerados, com movimentos caricatos e reações teatrais, como se ele mesmo se transformasse em um personagem de desenho animado. Seus beijos não tem vergonha de serem emocionados, carinhosos e barulhentos; como se não houvesse o medo do preconceito ou da rejeição. Podemos pensar na experiência de pessoas queer que, acostumadas a passar a infância e adolescência reprimindo quem são, muitas vezes encontram em manifestações artísticas um caminho possível para construir seu lugar de refúgio, seja em uma música da Lady Gaga ou em um filme da Disney. Esse referencial pop acaba por se tornar um consolo em momentos conturbados e também uma inspiração importante para a construção de nossa autoestima. Em suas vídeo-pinturas, Danilo atravessa uma pluralidade de referências religiosas, cinematográficas, da cultura de massa e da História da Arte enquanto expõe suas paixões, fetiches e vontades. Em seu jardim delicioso, ele deseja, arde, necessita, transborda. Procura o amor mais sincero na própria arte talvez porque, como diria Gullar, a vida só não basta.

Curadoria de Sema  
Artista e mestrando  
em PPGArtes UERJ









